

REEDIÇÃO FAC-SIMILADA DO LIVRO PUBLICADO COM O MESMO TÍTULO PELA
AGÊNCIA GERAL DO ULTRAMAR, DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES E BIBLIOTECA, 1955.

ANDRÉ FURTADO DE MENDONÇA

(1558-1610)

por

C. R. BOXER

Das Academias das Ciências de Lisboa
e Portuguesa da História
Professor da Universidade de Londres

e

FRAZÃO DE VASCONCELOS

Da Academia Portuguesa da História
e da Arcádia de Roma



FUNDAÇÃO ORIENTE
CENTRO DE ESTUDOS MARÍTIMOS DE MACAU
1989

DOS CAPÍTULOS

	Págs.
I — Nascimento. Filiação. Na jornada de África, com el Rei D. Sebastião, em 1574. Primeira estrada na Índia. Regresso ao Reino e volta à Índia. Campanha de Ceilão	9
II — A conquista do Cunhale	21
III — A Armada do Sul, 1601-1603	37
IV — Na capitania de Malaca (1603-1606)	55
V — Os últimos três anos (1606-1609)	72
Apêndices	95
Nota final	183
Índices	185

«André Furtado de Mendonça foi o último representante daqueles primeiros capitães que fundaram o Estado da Índia — fidalgos no orgulho e na vaidade, baneanes na cobiça, nababos na prodigalidade, guerreadores rudes, fanáticos e sanguinários, monteando Mouros e Gentios como a animais do mato, mas indomáveis por nenhum trabalho ou perigo, desbaratando o sangue e a vida com o mesmo deleixo com que desbaratavam o ouro e a pedraria...

«Naquela idade, em que persistiam os vícios primitivos mas desaparecera a masculina, intrépida afoiteza, causavam, por isso, admiração o valor e os cometimentos de André Furtado. Foi um campeão que durante trinta anos nunca despiu as armas, um general a quem sempre sorriu a vitória. Nós, hoje em dia, por certo os acharemos, a ele e a seus predecessores de igual têmpera, demasiado falhos de humanidade nos sentimentos e de nobreza nas paixões para provocarem os ardores do entusiasmo. Mas compreende-se que um soldado do século XVII rendesse culto exaltado àqueles outros dotes nos quais se compraz o Moloch ferino das batalhas».

Assim anota Costa Lobo o panegírico entusiástico que um soldado da Índia daqueles tempos — Francisco Rodrigues da Silveira — proferiu ao citar as «muitas, grandes e maravilhosas» façanhas do seu antigo capitão, «o valerosíssimo e invencível» André Furtado de Men-

donça, nas páginas da obra *Reformação da milícia do Estado da Índia Oriental, que se conserva manuscrita no Museu Britânico* (1).

Nós, porém, estamos longe de pensar como o ilustre historiador. Com a experiência de duas grandes guerras mundiais, duvidamos do nosso direito de qualificar André Furtado como um Moloch ferino das batalhas, quando nos lembramos das carnificinas de Belsen, Dresden, Hiroxima e tantas outras. Além disso, documentos coevos e insuspeitos mostram que André Furtado não foi «sempre um general a quem sorriu a vitória». Foi, na verdade, não somente um capitão insigne na guerra, mas também um cristão caritativo na paz — como se verá.

C. R. B.
F. DE V.

(1) Publicada, em parte, por António de Sousa da Silva Costa Lobo (1840-1913) no volume intitulado *Memórias de um soldado da Índia, compiladas de um manuscrito português do Museu Britânico* (Lisboa, 1877).

*NASCIMENTO. FILIAÇÃO. NA JORNADA
DE ÁFRICA, COM EL REI D. SEBASTIÃO,
EM 1574. PRIMEIRA ESTADA NA ÍNDIA.
REGRESSO AO REINO E VOLTA À ÍNDIA.
CAMPANHA DE CEILÃO*

André Furtado de Mendonça foi filho de Afonso Furtado, comendador de Borba e de Rio-Maior, da Ordem de Avis, e de D. Joana Pereira. São escassas as notícias que temos dele antes de 1591, mas todos os seus biógrafos concordam que passou à África na primeira jornada del-Rei D. Sebastião, no Outono de 1574, quando tinha apenas dezasseis anos de idade. Admitindo estes dados exactos, poder-se-á fixar para o seu nascimento o ano de 1558. Era natural de Lisboa, segundo informa o licenciado Jorge Cardoso, no seu *Agiológio Lusitano*, afirmando orgulhosamente haver tido o mesmo berço natal. Diz, depois, que daquela ida à África «lhe ficou a sede que tinha de derramar sangue mauritano e o entranhável ódio contra inimigos da Fé, que o acompanhou toda a vida», o que nos parece pouco provável, sabido, como é, que naquela jornada não houve combate de importân-

cia, limitando-se a acção militar a pequenas escaramuças (2).

Sabemos que André Furtado embarcou para a Índia na armada de cinco velas que partiu do Tejo em 7 de Março de 1576, a cargo do vice-rei Rui Lourenço de Távora, que, diga-se de passagem, faleceu no decurso da viagem, sendo sepultado em Moçambique. Ia André Furtado em companhia de dois irmãos (3), João Furtado e José Furtado. Deste último não há mais notícia, mas de João Furtado de Mendonça sabe-se que serviu longos anos no Oriente e é citado com frequência por Diogo do Couto nas suas *Décadas* e referido em documentos vários.

Talvez por se ter perdido a parte correspondente aos anos de 1576-81 da *Década IX* de Diogo do Couto escasseiem as notícias acerca dos primeiros serviços de André Furtado na Índia. A mais antiga que conseguimos apurar é de Setembro de 1581, quando tomou uma galeota de corsários malavares, no rio Carapatão. Andava então por capitão de um navio de remos, numa armada de sete navios, aprestada em seis horas, em Goa, sob o comando de Matias de Albuquerque, pelo governador Fernão Teles,

(2) Jorge Cardoso — *Agiolégio Lusitano* (Lisboa, 1657), Tomo II, págs. 577-80 e 586-7. Cardoso baseou-se no sermão pregado por Fr. António de Gouvêa nas exéquias de André Furtado, celebradas na igreja de Nossa Senhora da Graça, em 16 de Outubro de 1610, impresso por Vicente Álvares, em Lisboa, no ano seguinte.

(3) Numa *Ementa* manuscrita, inédita, extraída dos livros da Casa da Índia nos primeiros decénios do século XVII, que se conserva na Biblioteca de Marinha, diz-se que André Furtado levava 2\$800 de moradia por mês. Noutra *Ementa* (Mss. n.º 123 — *Col. Pombalina*, da Biblioteca Nacional de Lisboa), de que Fração de Vasconcelos publicou, há anos, as primeiras folhas, regista-se que ele tinha então o foro de fidalgo-escudeiro.

quando recebeu aviso de que quatro velas malavares andavam às presas perto (*).

É bem sabido que o mais poderoso inimigo que os Portugueses tinham então nos mares da Índia era o célebre malavar Mahomet Kunhali Marakkar, designado nos escritos portugueses por Cunhale Marcá. Foi vassalo do Samorim de Calecut e prezava-se de ser o corsário mais temido desde o Cabo de Boa Esperança até à China, ostentando títulos como o de *Expulsor dos Portugueses* e o de *Derramador do sangue cristão*. Foi contra ele que André Furtado começou a ganhar fama de ser cabo afortunado, além de esforçado, nas vitórias que obteve como capitão de navios nas armadas do Malavar que correram a costa, às ordens do capitão-mor Matias de Albuquerque, em 1582 e 1583. A sua accção, porém, mais importante foi a de socorrer a fortaleza de Barcelor, em Agosto de 1583, limpando em seguida a costa duma flotilha de corsários malavares que andavam «ao cheiro de um junco da China muito rico» (**).

No ano de 1585 André Furtado de Mendonça voltou ao Reino em companhia do vice-rei D. Francisco Mascarenhas, conde da Horta, para requerer o despacho de seus serviços.

Por aquela ocasião voltou também, para o mesmo fim, Fernão de Albuquerque, filho de Estêvão de Brito, alcaide-mor de Faro e comendador de Colos e Panóias, da Ordem de Santiago. Descendia Fernão de Albuquerque, pelo lado materno, de Fernão de Albuquerque,

(*) Diogo do Couto — *Década X*, Livro I, Cap. VIII, págs. 57-9 (Ed. de 1788).

(**) Diogo do Couto, *Década X*, págs. 152, 166, 329, 373, 425-8. Alfredo Botelho de Sousa, *Subsídios para a história militar-marítima da Índia — 1580-1605* — Vol. I. (Lisboa, 1930), págs. 108-15 e 124-5.